

NARCISA AMÁLIA E AS INTEMPÉRIES DA PRODUÇÃO LITERÁRIA FEMININA

Anna Faedrich
Doutora em Teoria da Literatura - PUCRS
anna.faedrich@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa maior, que prioriza o resgate de nomes femininos deixados à sombra das histórias de literatura brasileira, integrando uma luta por reconhecimento que é decisiva para que se alcance maior igualdade. O presente estudo dedica-se ao levantamento biográfico e bibliográfico da poetisa Narcisa Amália (1852-1924), à análise interpretativa de sua obra lírica, ao rastreamento de sua participação direta ou citações na imprensa periódica carioca, mas também à compreensão dos mecanismos de banimento pelo discurso sócio-histórico. Por ora, importa-nos destacar a relevância política de reinterpretar a historiografia nesses diversos campos, em particular, a historiografia literária. Acreditamos que resgatar e dar o devido relevo a nomes como este contribui para a elaboração de uma nova História da Literatura Brasileira, em que os perfis femininos recebam espaço de análise e de consideração, bem como a permanência na tradição literária brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Escritoras brasileiras, Literatura Brasileira, Século XIX, História Literária, Narcisa Amália.

ABSTRACT

This work is the result of a larger research that prioritizes the rescue of female names left in the shadow of the History of Brazilian literature, integrating a fight for recognition that is crucial for achieving greater equality. This study is dedicated to biographical and bibliographical survey of the poet Narcisa Amalia (1852-1924), the interpretative analysis of his lyrical work, the tracing of her direct participation or quotes in periodical press of Rio de Janeiro, but also the understanding of the banishment mechanisms by socio-historical discourse. For now, it intends to highlight the political importance of reinterpreting the history in these various fields, in particular, literary historiography. We believe that rescue and give due attention to names like this contributes to the development of a new History of Brazilian literature, in which the female profiles receive space of analysis and consideration as well as the permanence in Brazilian literary tradition.

KEYWORDS: Brazilian writers, Brazilian literature, XIX Century, History of literature, Narcisa Amália.

Ao estudar a produção literária de escritoras do século XIX, deparamo-nos com escritoras injustamente apagadas da história literária, muitas das quais, por meio da escrita, lutaram socialmente para que as mulheres pudessem votar, ter maior reconhecimento e aceitação no mercado de trabalho e no meio intelectual, escrever sem pseudônimos, publicar, conquistar a emancipação, enfim, ter novos direitos. A pesquisa arqueológica da atuação das mulheres no mundo das letras faz-nos ver que houve, sim, avanços em direção à maior igualdade, embora exista, ainda, um longo caminho a ser percorrido. Uma política crucial para ampliar a igualdade de gênero é reconhecer o papel da mulher em diversos campos da produção cultural – literatura, música, artes plásticas, imprensa periódica, etc. Quanto mais se retrocede no tempo e se busca informações sobre a atuação de mulheres em outros períodos da história do país, mais ofuscadas elas se encontram.

À época, contudo, a atuação de mulheres nestes campos da produção cultural foi relevante e expressiva, embora preterida pelos cânones. A literatura é um bom exemplo. Se analisarmos o volume e teor da produção de escritoras no entresséculos (1870-1930) pela história literária atual, não é exagero afirmar que nenhuma mulher aparece. É como se a autoria feminina não tivesse existido antes de Rachel de Queiroz, nos discursos de nossos historiadores da literatura consagrados – a exemplo de Antonio Candido, José Aderaldo Castello, Alfredo Bosi e Carlos Nejar –, que escrevem a partir de outras histórias da literatura, tais como a de José Veríssimo (*História da Literatura Brasileira*, 1916) e Ronald de Carvalho (*Pequena História da Literatura Brasileira*, 1919).

Entretanto, as publicações, os jornais e os registros da época atestam a arbitrariedade da seleção operada pelos cânones em desfavor das mulheres. As razões podem ser diversas, entretanto, a que nos interessa aqui é o impasse social que diz respeito à difícil trajetória da mulher letrada para ingressar num mundo predominantemente masculino. Para tal

empreitada, buscamos interlocução em *Vidas de Romance* (2005), da socióloga Maria de Lourdes Eleutério, livro fundamental para a reconstrução dos padrões variáveis das trajetórias das mulheres escritoras neste período entress secular:

Interessou-nos a mulher intelectual atuando em diferentes modalidades, da autora de versos, romances ou teatro à autora de ensaios e escritos de tese, de textos de caráter histórico, sem excluir a presença feminina na criação de revistas e jornais ou mesmo sua participação no cotidiano da grande imprensa (ELEUTÉRIO, 2005, p. 18).

O presente trabalho integra um contexto de pesquisa que não pretende fazer um levantamento exaustivo de escritoras, tal como já realizado em pesquisas acadêmicas que resultaram na publicação de notáveis dicionários e antologias de mulheres escritoras. Pretendemos, agora, qualificar os resultados obtidos, com análises mais detalhadas e documentadas, com base em estudos de casos. Ou seja, apesar de voltarmos para o levantamento quantitativo em relação à produção intelectual da escritora selecionada – O que escreveu? Quantos livros publicou? Como publicou? Em que editora? Em quais jornais e por quem era citada? Qual a frequência desta participação na imprensa? Quem era o seu público leitor? Com quem dialogou? –, o cerne está na análise minuciosa e qualitativa do teor e do impacto de sua obra à época, com propósito de superar a denúncia pouco fecunda que apenas aponta o processo de esquecimento na história, e percorrer um itinerário de entendimento da construção deste processo, que resultou na exclusão da produção feminina do cânone literário brasileiro.

Considerada a primeira jornalista profissional no Brasil, a republicana e abolicionista Narcisa Amália de Campos (São João da Barra, 1852 – Rio de Janeiro, 1924) publicou, aos vinte anos, 44 poemas em uma antologia intitulada *Nebulosas*, em 1872. *Nebulosas*, sua única obra lírica, contou com prefácio entusiasmado de Pessanha Póvoa, que afirmava ser Narcisa a nossa primeira poetisa:

Narcisa Amália será a impulsora e o ornamento de uma época literária mais auspiciosa que a presente. Há de redigir os aforismos poéticos, como Aristóteles escreveu os da natureza. [...] Narcisa Amália não é um tipo, é uma heroína. [...] Este livro há de produzir tristezas e alegrias. **É a primeira brasileira dos nossos dias; a mais ilustrada que nós conhecemos; é a primeira poetisa desta nação.** Delfina da Cunha, Floresta Brasileira, Ermelinda da Cunha Matos, Maria de Carvalho, Beatriz Brandão, Maria Silvana, Violante, são bonitos talentos. Narcisa Amália é um talento feio, horrível, cruel, porque mata àqueles. Foram as suas antecessoras auroras efêmeras; ela é um astro com órbita determinada (PÓVOA, 1872, p. XV-XVI. Grifo nosso).

Póvoa lamenta o estado atual da poesia e vê em Narcisa Amália a esperança para a literatura contemporânea brasileira. Como era de costume na época, o prefácio escrito por um escritor homem avalizava a literatura de autoria feminina, abrindo uma “brecha” no mundo predominantemente masculino das nossas letras. Tal endossamento podemos verificar na recomendação que Póvoa faz da poetisa para todo o seu círculo de relações interpessoais:

Eu peço que julguem o livro de N. Amália, livro que ilumina a grande noite da poesia brasileira. Quando houver um Conselho de Estado ou um Senado Literário, Narcisa Amália terá as honras de Princesa das letras. [...] Teófilo Braga, Luciano Cordeiro, Cesar Machado, Adolfo Coelho, Bulhão Pato, Gomes Leal, E. Coelho, Silva Túlio, A. de Castilho, Silva Pinto e Teixeira Vasconcelos, meus amigos, hão de deferir o seguinte requerimento: Peço um lugar de honra no auditório das vossas glórias literárias para a autora das *Nebulosas* (PÓVOA, 1872, p. XVI-XVII).

E assim foi. No jornal carioca *A Reforma*, de 13 de fevereiro de 1873, está anunciada a festa em homenagem à laureada autora de *Nebulosas*, praticamente como previu Póvoa – a “Princesa das letras”, que receberia a lira de ouro:

Vamos ter uma festa brilhante e digna da pessoa a quem ela é consagrada como homenagem. A comissão incumbida de entregar a lira de ouro à poetisa das *Nebulosas* pretende dar baile, festa esplêndida e magnífica da qual será rainha a Corina, a Safo brasileira. Preparam-se discursos, versos, troféus e tudo quanto sirva de testemunho e de legítima oblata à distinta resendense, cultora das letras, tão justamente laureada. Muitas pessoas dessa cidade serão convidadas, e o sarau modestamente denominado festim literário será uma bonita manifestação de apreço e de admiração pelos peregrinos dotes da gentilíssima Narcisa Amália.

Segundo Eleutério (2005, p. 115), Narcisa foi “um pólo de força e vontade e de inspiração e realização para inúmeras vocações, e isto mesmo em condições desfavoráveis”.

Sobre as condições desfavoráveis, podemos afirmar que Narcisa não pertencia a uma família abastada (como veremos, mais adiante, ser o caso de Albertina Bertha), era professora primária e vivia disso, casou-se duas vezes e abandonou os maridos¹, o que, à época, não era visto com bons olhos, enfrentando, assim, todo o tipo de preconceito, sobretudo o preconceito por ser bonita e cortejada por muitos homens do meio intelectual, entre eles os poetas Fagundes Varela, Ezequiel Freire e Otaviano Hudson, em um contexto marcado pela impossibilidade da conjunção de beleza e inteligência numa mesma mulher:

Bonita, inteligente, jornalista e poetisa estimada e admirada nos meios literários, Narcisa Amália despertou grandes paixões; era compreensível que provocasse a ira de admiradores mais afoitos, por ela rejeitados. A sociedade da época ainda não está acostumada a ver sobressair um talento feminino do porte de Narcisa Amália e se assusta (PAIXÃO, 2000, p. 535).

Em relação à sua produção literária, o maior preconceito enfrentando foi o de ter a autoria de seus poemas posta em xeque: “Uma das acusações mais abjetas, incitada provavelmente pelo marido desprezado, parte de Múcio Teixeira, em ‘Memórias dignas de memória’. Segundo o Barão de Ergonte, como também era conhecido o difamador, Narcisa Amália não seria a autora dos versos de *Nebulosas*, tendo estes sido feitos por um poeta desconhecido” (idem). Para João Oscar, a “atitude do ex-marido despeitado foi terrivelmente vergonhosa. [...] era uma infâmia, uma escabrosa mentira. Ninguém em Resende levou a sério tão sórdida difamação” (1994, p. 71-72).

Filha de Joaquim Jácome de Oliveira Campos Filho, mais conhecido como professor Jácome de Campos, e Narcisa Ignácia Pereira de Mendonça, também professora, Narcisa foi a primogênita de oito filhos: Rita Virgínia, Francisco, Henrique, Maria Amélia, Frederico, João Batista e Joaquim. Segundo Eleutério, Narcisa não tinha “irmãos ou parentes que pudessem iniciá-la no mundo das letras através de salões”, justificando que esta poderia ser “uma razão plausível para sua fugaz permanência no ambiente das letras” (2005, p.117). Porém, veremos

que não foi bem assim. Narcisa cresceu em meio a muita cultura, mesmo enfrentando condições adversas de uma vida sem muitos recursos. Seu pai, educador, poeta e jornalista, foi um homem de vasta cultura, que colaborou nos diversos jornais da imprensa fluminense e paulista. Foi um dos fundadores de *O Paraybano* (1859-1870), primeiro jornal editado em São João da Barra, no qual exerceu função de redator. Colaborou com o *Astro Resendense* e *Pirilampo*. Em janeiro de 1874, ele e outros jornalistas fundaram o jornal *Resendense*.

De acordo com Fonseca,

a família conquistou o respeito de toda a sociedade e, em todas as atividades sociais, a presença do casal era imprescindível. Foram tantas as atividades do prof. Jácome, que o Imperador D. Pedro II, em visita a Resende, em 16/10/1874, homenageou-lhe com a comenda da Ordem do Cristo, distinção imperial conferida aos mestres dedicados (FONSECA, 2008, p. 11).

Narcisa começou a ler aos quatro anos de idade, estimulada pelos pais, ambos professores, com uma cartilha de alfabetização. Sobre Narcisa Amália, Luiz Francisco de Veiga registrou:

Aos seis anos, já sabendo ler corretamente, entrou para o colégio de D. Maria da Costa Brito e Azevedo, a fim de continuar o encetado estudo da gramática portuguesa e também para estar presa a um regime disciplinar, menos amoroso e indulgente do que a casa paterna, visto ser excessivamente travessa. Aos oito anos, começou seu estudo de música (arte que tem sempre cultivado) retirando-se do colégio aos dez anos, obtendo distinção em todos os seus exames (in FONSECA, 2008, p. 7).

Ademais, Narcisa estudou latim e francês, ainda em São João da Barra, com o padre Joaquim Francisco da Cruz Paula, que lecionava por prazer, sem cobrar nada. Também o pai ministrou aulas de Retórica à filha. Em Resende, no ano de 1865, com apoio do presidente da Câmara Municipal, Dr. João de Azevedo Carneiro Maia, os pais de Narcisa criaram dois colégios, o Colégio Jácome para meninos e o Colégio Nossa Senhora da Conceição para meninas, que recebiam alunos do município e cidades vizinhas. Desde os treze anos, Narcisa auxiliava a mãe nos afazeres do ensino superior, ministrando às jovens do internato

conhecimentos de cultural geral. Constatase, então, um ambiente favorável ao aprendizado, à cultura, ao interesse por línguas, à escrita, à iniciação no mundo das letras, de forma que não nos parece pertinente justificar a sua fugaz permanência no ambiente das letras pelo fato de ela não ter alguém que pudesse iniciá-la.

A influência do pai de Narcisa Amália era forte. Exemplo disso é o próprio Pessanha Póvoa, ex-aluno e admirador do professor Jácome Campos, intelectual, renomado escritor e jornalista, que escreveu o prefácio de *Nebulosas*ⁱⁱ e recomendou a poetisa. Também o contato do pai com jornalistas amigos abriu as portas para Narcisa divulgar seus poemas nos jornais locais. Entre os jornais em que publicou, estão *Astro Resendense*, *Monitor Campista*, *Echo Americano*, *O Espírito Santense*, *Gazeta de Campos*, *Correio Fluminense* e *Tymburibá* (Angra dos Reis).

Narcisa iniciou a carreira traduzindo contos e ensaios de autores franceses, como *História de minha vida*, de George Sand, *Romance de uma mulher que amou*, de Arsène Houssaye, e *Os climas antigos*, de Gaston de Saporta. A reunião desses trabalhos foi seu primeiro livro publicado, o qual expandiu seu sucesso de tradutora.

Nebulosas foi seu primeiro livro de poesia. Nele, constam poemas ecléticos: líricos, de teor intimista; laudatórios comemorativos, dirigidos à natureza; e poemas de cunho social. A produção poética de Narcisa Amália não fica aquém da de Gonçalves Dias, no que diz respeito à exaltação da natureza, nem da obra de Castro Alves, uma vez que seus poemas de cunho social e político são igualmente intensos e críticos.

Narcisa Amália não passou despercebida em sua época. Se por um lado a presença encantadora de Narcisa Amália inspirou poetas como Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, sua obra lírica inspirou compositores como Antônio Martiniano da Silva Benfica e João Gomes de Araújo, com as músicas homônimas aos poemas de Narcisa “Recordações do Itatiaia” e “O

Africano e o Poeta”, respectivamente. No jornal *A Reforma*, está publicada a nota, em 30 de janeiro de 1875, sobre a música composta por Antônio Martiniano da Silva Benfica. Trata-se de uma quadrilha, inspirada pela leitura do poema de Narcisa Amália.

Além de o Imperador Dom Pedro II ser seu admirador e fazer questão de conhecê-la em Resende, Machado de Assis foi seu leitor e escreveu sobre a sua obra poética na *Semana Illustrada* (nº 629, 29/12/1872):

Com este título acaba de publicar a Sra. D. Narcisa Amália, poetisa fluminense, um volume de versos, cuja introdução é devida à pena do distinto escritor de Pessanha Póvoa. **Não sem receio abro um livro assinado por uma senhora.** É certo que uma senhora pode poetar e filosofar, e muitas há que neste particular valem homens e dos melhores. Mas não são vulgares as que trazem legítimos talentos, como não são raras as que apenas pagam de uma duvidosa ou aparente disposição, sem nenhum outro dote literário que verdadeiramente as distinga. **A leitura das *Nebulosas* causou-me a este respeito excelente impressão.** Achei uma poetisa, dotada de sentimento verdadeiro e real inspiração, a espaços de muito vigor, reinando em todo o livro um ar de sinceridade e modéstia que encanta, e todos estes predicados juntos, e os mais que lhe notar a crítica, é certo que não são comuns a todas as cultoras de poesia. [...] São tristes geralmente os seus versos, quando não são políticos (que também os há bons e de energia não vulgar) [...] Termino as transcrições e a notícia, recomendando aos leitores as *Nebulosas*.

É importante ressaltar que ao mesmo tempo em que Machado de Assis elogia os poemas de Narcisa, ele confessa seu receio inicial devido à autoria feminina do livro, deixando pistas de que não era comum à época escritoras publicarem, revelando, assim, o preconceito de gênero. Segundo Eleutério, “para as mulheres da República o sonho de publicar um livro era um projeto distante, a expressão feminina nesse período permanece circunscrita ao espaço privado” (2005, p. 18). Para a surpresa de Machado de Assis, além de Narcisa publicar em livro a sua poesia, ela surpreende pela qualidade de sua escrita, pelos “seus predicados”, seu talento e por sua visão crítica.

Em 1889, em *Carta a Alfredo Sodré*, Narcisa Amália lamenta a dificuldade de uma mulher ser artista e talentosa naquela época:

[...] como há de a mulher revelar-se artista se os preconceitos sociais exigem que o seu coração cedo perca a probidadeⁱⁱⁱ, habituando-se ao balbucio de insignificantes

frases convencionais? Vitimada pela opressão, gale do círculo murado em que inutilmente se debate, a mulher inteligente acompanha com mágoa a extinção gradativa de sua fecundidade cerebral, seguindo com olhos rasos de pranto a inspiração que ala-se para sempre, movendo em largo vôo sereno as asas flamejantes, menos feliz que a pomba da tradição bíblica, sem ter encontrado um ramo de loureiro onde por instante repousasse...

Diante disso, cabe-nos pensar se não haveria conexões entre as posições e opiniões dos críticos dessas autoras femininas do século XIX e os mecanismos seletivos que operaram no cânone constituído pelos críticos do século XX.

Em seu roteiro da poesia brasileira, *Romantismo* (2007), Antonio Carlos Secchin demonstra um esforço bem intencionado em incluir a poetisa Narcisa Amália, única mulher entre dezenove outros poetas selecionados para a antologia. Os dezenove poetas românticos são: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, Francisco Otaviano, Laurindo Rabelo, Luís Gama, Trajano Galvão, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Sousândrade, Bittencourt Sampaio, Juvenal Galeno, Bruno Seabra, Casimiro de Abreu, Pedro Luís, Tobias Barreto, Fagundes Varela, Carlos Ferreira e Castro Alves.

Vemos outro esforço por parte do organizador em trazer à luz poetas alijados do cânone, como é o caso dos menos conhecidos Trajano Galvão, Bittencourt Sampaio e Bruno Seabra. De acordo com Secchin, estes poetas

revelam uma outra face da natureza, não a selvagem, mas a dos campos e das fazendas, onde, em vez da presença de grandes dramas e conflitos, a vida flui em pacatas conversas ao pé do fogo, vazadas num tom menor, e, talvez, mais próximo da sensibilidade contemporânea (SECCHIN, 2007, p. 10-11).

Destes poetas, foram selecionados apenas dois poemas. Os poetas consagrados Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves, pertencentes ao cânone literário e a todas as histórias de literatura brasileira, têm, no mínimo, um número de poemas publicados três vezes maior do que o dos outros (seis ou oito poemas).

Tais números garantem a permanência de um cânone cristalizado, atribuindo, dessa forma, maior valor para os poetas privilegiados.

Narcisa, única poetisa da antologia, tem dois poemas publicados. Os poemas “Sadness” e “Perfil de Escrava” foram os selecionados para compor o roteiro, antecipados de uma curta biografia. Mesmo incluindo Narcisa Amália em sua antologia, sem dúvida uma novidade em nossos estudos literários contemporâneos, Secchin não insere a poetisa efetivamente na tradição literária romântica. No “Prefácio” do livro, o autor analisa o estilo dos poetas selecionados, classifica suas obras em primeira, segunda e terceira geração poética romântica, comenta como esses poetas aparecem em antologias como *História da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero, e *Parnaso brasileiro* (1885), de Mello Moraes Filho, considerando o papel de cada um deles na formação do romantismo brasileiro:

Magalhães merece relevo, sobretudo, como divulgador das novas propostas, enfeixadas, em especial no seu ‘Ensaio sobre a história da literatura do Brasil’, publicado em *Niterói, revista brasiliense*, no mesmo ano de 1836 em que viriam a limo *os Suspiros*. Malgrado advogar a premência da renovação, revelou-se, na prática, um escritor que expressava em formas conservadoras uma temática romântica (a religiosidade, o culto à Pátria), num hibridismo prejudicial à fatura dos textos. [...] Em Gonçalves Dias, finalmente, o Brasil-nação encontrava seu primeiro grande poeta. Deu superior expressão aos principais temas da primeira geração romântica: o louvor da natureza (nela integrada o indígena), o louvor do país (na construção de um projeto de reconhecimento identitário), o louver de Deus (única força a que se submetem a natureza e o poeta), o louvor das damas, em delicadas ou desesperadas incursões lírico-amorosas (SECCHIN, 2007, p. 8).

A obra de Narcisa Amália não recebe comentários críticos, o estilo de seus poemas não é avaliado, a temática de sua lírica não é abordada, e a poetisa não é inserida em nenhuma das gerações. Em suma, não há uma reflexão sobre a sua obra, nem uma tentativa de identificar a geração ou os pares com quem a poesia de Narcisa dialoga. Embora incluída na antologia, a lacuna permanece. O leitor que não tem conhecimento sobre Narcisa Amália continuará no território sombrio em que perambula este nome desconhecido. A única menção

feita à autora é para dizer que ela aparece na antologia de Péricles Eugênio da Silva Ramos, *Poesia romântica* (1965), o primeiro a tratar a participação feminina na literatura.

Mesmo em “Esta antologia”, parte dedicada a explicitar os mecanismos de seleção por parte do organizador, ou seja, de onde parte a antologia, não há informações sobre Narcisa, sequer alguma menção à poetisa e sua obra. Nem mesmo a justificativa sobre o porquê de inseri-la. Tais fatores nos levam a constatar uma recorrência nos estudos críticos de literatura no Brasil: nossos estudiosos de literatura não são especializados em literatura escrita por mulheres, isto é, existe uma carência, um hiato nos estudos literários, que não se fecha, por conta da reprodução acrítica de modelos anteriores.

Este hiato não se justifica pela falta de diálogo entre as obras literárias. A poesia eclética de Narcisa Amália dialoga com os poetas das três gerações românticas. Em “A Resende” (AMÁLIA, 1872), a poetisa exalta a cidade onde mais viveu e que amou profundamente. Assim como Gonçalves Dias exalta a sua terra onde as palmeiras e os sabiás são inigualáveis, Narcisa canta, em seu poema de louvor, Resende, sua “éden de encantos”:

Enfim te vejo, estrela da alvorada,
Perdida nas alagens do horizonte!
Enfim te vejo, vaporosa fada,
Dolente presa de um sonhar insonte!
Enfim, de meu peregrinar cansada,
Pouso em teu colo a suarente fronte,
E, contemplando as pétreas cordilheiras,
Ouço o rugir de tuas cachoeiras!

Mal sabes que profundos dissabores
Passei longe de ti, éden de encantos!
Quanto acerbo sofrer, quantos agrores
Umideci co’as bagas de meus prantos!
Sem um raio sequer de teus fulgores...
Sem ter a quem votar meus pobres cantos...
Ai! O simun cruel da atroz saudade
Matou-me a rubra flor da mocidade! [...]

Sylvia Paixão observa que os poemas de Narcisa “são expressivos do Romantismo na exaltação da natureza, nas lembranças da infância e no amor à pátria. Narcisa Amália é, por certo, um dos raros nomes femininos que falam de identidade nacional, através da exaltação da terra brasileira” (PAIXÃO, 2000, p. 535). Tal expressão do Romantismo está presente no poema “A Resende”, em que o eu-lírico sente-se feliz por rever sua cidade amada. A repetição do advérbio de tempo *enfim* reforça o desejo de regresso depois de muito tempo longe: “Enfim, de meu peregrinar cansada,/Pouso em teu colo a suarente fronte,/E, contemplando as pétreas cordilheiras,/Ouço o rugir de tuas cachoeiras!”. A intimidade amorosa com a cidade e sua natureza é expressada pela personificação utilizada no verso “pouso em teu colo a suarente fronte”. O eu-lírico do poema consegue, finalmente, descansar em sua terra; o lugar predileto sob a metáfora do colo que abriga e ampara a poetisa.

Aos 11 anos de idade, Narcisa precisou deixar sua cidade natal, São João da Barra, em função de uma doença pulmonar do pai. Transferidos para Resende, a saudade da infância e da casa onde nasceu tornaram-se objetos de sua poesia. O poema “Saudades” (AMÁLIA, 1872, p. 35-36) traz a evocação de sua infância, tema comum aos poetas românticos brasileiros:

Tenho saudade dos formosos lares
Onde passei minha feliz infância
Dos vales de dulcíssima fragrância,
Da fresca sombra dos gentis palmares.

Minha plaga querida! Inda me lembro
Quando através das névoas do ocidente
O sol nos acenava adeus languente
Nas balsâmicas tardes de setembro. [...]

Paixão (2000, p. 535) observa que o Romantismo

é o momento em que o poeta investe na identidade nacional, tematizando a natureza e a pátria, enaltecendo o pitoresco, o grandioso, como forma de atrair a atenção no sentido de firmar o conhecimento da terra, é preciso tomar posse dessa terra, possuí-la, o que se dá por meio da palavra, que assume a função de guia. A poesia de Narcisa Amália reflete esse momento em que a invocação à pátria se repete incessantemente, como se mostrasse o desejo de ser levada de volta ao seio materno, numa poética uterina que imprime o retorno ao lugar de origem, a fim de

buscar a sua própria identidade. O pico do Itatiaia – durante muito tempo considerado o ponto mais alto de Brasil –, a cidade de Resende, a Festa de São João, as recordações de infância, nada mais são do que complementos de uma outra temática que se alia à da pátria com a mesma finalidade: a busca de autoconhecimento que se expressa também na temática da infância.

O pico do Itatiaia, como bem observa Paixão, era tido como ponto culminante do Brasil. O poema “O Itatiaia” (AMÁLIA, 1872, p. 75-80) pertence à segunda parte de *Nebulosas*, cuja temática está voltada à exaltação da terra e à relação do eu-lírico com a natureza. Os lugares onde Narcisa viveu tornam-se parte de sua poesia, em poemas descritivos e laudatórios:

Ante o gigante brasileiro,
Ante a sublime grandeza
Da tropical natureza,
Das erguidas cordilheiras,
Ai! quanto me sinto tímida!
Quanto me embala o desejo
De descrever num harpejo
Essas cristas sobranceiras!
.....
Vejo aquém os vales pávidos
Que se desdobram relvosos;
Profundos, vertiginosos,
Cavam-se abismos medonhos!
Quanto precipício indômito,
Quanto mistério assombroso
Nesse seio pedregoso,
Nessa origem de mil sonhos!...
[...]
Salve! montanha granítica! ...
Salve! brasileiro Himalaia!
Salve! ingente Itatiaia,
Que escalas a imensidade!...
Distingo-te a fronte válida,
Vejo-te às plantas, rendido,
O meteoro incendiado,
A soberba tempestade!... [...]

A grande maioria dos poemas de Narcisa iniciam com uma epígrafe. Em geral, são fragmentos de poetas e poetisas conterrâneos seus. Também é comum encontrarmos dedicatórias. No poema “O Africano e o Poeta”, a dedicatória é para o jurista maranhense Dr.

Celso de Magalhães. Dedicá-lo um poema cujo tema é a escravidão faz mais sentido quando sabemos de sua história. Celso de Magalhães (Viana, 1849 – São Luís, 1879), escritor, tradutor, bacharel em Direito, foi nomeado a Promotor Público de São Luís e, em 1876, denunciou, levando a julgamento pelo Tribunal do Júri, D. Anna Rosa Vianna Ribeiro, esposa do influente político e médico Dr. Carlos Ribeiro (futuro Barão de Grajaú) pelo crime de homicídio de um escravo, executado a seu mando. Provavelmente, por sua luta corajosa pela efetivação da cidadania, pelos direitos humanos e pela igualdade social, Narcisa o dedica este poema:

O Africano e o Poeta

Ao Dr. Celso de Magalhães

Les esclaves... Est-ce qu'ils ont des dieux?
Est-ce qu'ils ont des fils, eux qui n'ont point d'aïeux?
Lamartine

No canto tristonho
Do pobre cativo
Que elevo furtivo,
Da lua ao clarão;
Na lágrima ardente
Que escalda-me o rosto,
De imenso desgosto
Silente expressão;

Quem pensa? – O poeta
Que os carmes sentidos
Concerta aos gemidos
De seu coração.

– Deixei bem criança
Meu pátrio valado,
Meu ninho embalado
Da Líbia no ardor;
Mas esta saudade
Que em tímido anseio
Lacera-me o seio
Sulcado de dor,

Que sente? – o poeta
Que o elísio descerra;
Que vive na terra
De místico amor!

[...]

– Meu Deus! Ao precito
Sem crenças na vida,
Sem pátria querida,
Só resta tombar!
Mas... quem uma prece
Na campa do escravo
Que outrora foi bravo
Triste há de rezar?!...

– Quem há-de?... o poeta
Que a lousa obscura,
Com lágrima pura
Vai sempre orvalhar!?

O poema mostra a consciência crítica de Narcisa sobre a importante função do poeta na sociedade – cabe ao poeta pensar, sentir a dor, escutar, enxergar etc. Trata-se, pois, de sua poesia social. Narcisa traz à tona uma poesia comprometida com a crítica social, denunciando injustiças da sociedade escravocrata e monarquista, em diálogo aberto com Castro Alves. A construção formal do poema é elaborada e polifônica. Acompanhamos o diálogo do início ao fim entre o lamento do cativo africano que deixou sua pátria, a Líbia (– Deixei bem criança/Meu pátrio valado,/Meu ninho embalado/Da Líbia no ardor), e o sentimento do eu-lírico testemunha da escravidão (Na lágrima ardente/Que escalda-me o rosto,/De imenso desgosto/Silente expressão). Também faz parte desta linhagem de poemas reveladores de ideias libertárias e de profunda tristeza e indignação com a condição dos escravos no Brasil, entre outros, o poema “Perfil de escrava^{iv}”.

Como explicar que uma poetisa do porte de Narcisa Amália tenha sido alijada da história literária brasileira? Qual a justificativa para que uma escritora de ideias libertárias e poemas de temática social, notável e maduro teor crítico, seja excluída do cânone literário brasileiro? Como transformar o cenário atual dos estudos críticos de literatura escrita por mulheres que seguem reproduzindo equívocos e descuidados recorrentes com a biografia e obra dessas escritoras? Como suprir a escassez de dados das escritoras e de análises de suas

obras? Como, enfim, inserir Narcisa Amália na tradição literária romântica, lado a lado com poetas como Gonçalves Dias e Castro Alves, em diálogo aberto e produtivo?

O ato – tido como generoso – de ceder espaço para a expressão feminina, isto é, autorizar a sua entrada em um universo restrito, cujo domínio é masculino, além de amenizar a percepção da *violência do silenciamento*, é perigoso por criar uma *ilusão de pertencimento*. Sendo assim, as mulheres participaram da vida cultural e intelectual no período entress secular, porém, sob controle dos detentores do poder. Ou seja, estavam sempre à mercê de um ato de *liberalidade* por parte dos homens, para que fossem autorizadas a ingressar e a ter voz no meio literário. Como os homens ocupavam os espaços de poder – eles eram os editores (que decidiam as obras a serem publicadas), os formadores de opinião, os críticos literários (que avaliavam o valor das obras literárias), os diretores dos grandes jornais (e, por isso, seus reguladores), os membros da Academia Brasileira de Letras etc –, são eles quem decidem os *instrumentos de medição* para o que é superior na literatura.

As mulheres participaram – e muito – do meio literário, no entanto, sem ter uma inserção efetiva que garantisse a sua inclusão e permanência no cânone e na tradição literária brasileira. Não ter uma inserção efetiva nas nossas letras significa que, por mais que elas tivessem conquistado espaço de expressão e de divulgação de sua produção intelectual e literária, por mais que elas tivessem saído do domínio privado para circular no público, estavam sujeitas à autoridade masculina. A luta e o investimento para trazer à luz toda uma produção feminina apagada pela nossa história literária não avançam no sentido de mostrar que essas mulheres escreviam como os homens e que, por isso, não deveriam ter sido excluídas. Mesmo que analisemos a poesia social e libertária de Narcisa Amália, assim como sua busca pela identidade nacional a partir da exaltação da natureza e da cor local, abrindo diálogos com poetas canônicos – Castro Alves e Gonçalves Dias, por exemplo –, não

intencionamos atribuir valor à sua obra recorrendo aos instrumentos usuais de medição para provar que é superior. Todavia, tal análise é válida pois nos ajuda a comprovar que a exclusão é feita por fatores extraliterários, como é o preconceito de gênero, e não intraliterários, associados aos valores estéticos e à temática.

REFERÊNCIAS

- AMALIA, Narcisa. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance*. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.
- FONSECA, Yara Vidal. Narcisa Amália, *150 anos de nascimento*. Trabalho apresentado na Academia Niteroiense de Letras em 10 de abril e 2002. 2. ed. Rio de Janeiro: N&S Encadernadora, 2008.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. “Nebulosas”. *Semana Illustrada*, nº 629, 29 dez. 1872.
- OSCAR, João. Narcisa Amália. *Vida e poesia*. Campos: Lar Cristão, 1994.
- PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. “Narcisa Amália”. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 534-552.
- PÓVOA, Pessanha. “Prefácio”. In: AMALIA, Narcisa. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, p. V-XXVI.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *Romantismo*. Roteiro da poesia brasileira. São Paulo: Global, 2007.

Recebido em 30 de março de 2016
Aceite em 15 de junho de 2016

Como citar este artigo:

FAEDRICH, Anna. Narcisa Amália e as intempéries da produção literária feminina. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016. p. 138-155. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie09.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

ⁱ O primeiro casamento, aos treze anos de idade, foi com o poeta João Batista da Silveira, de dezoito anos, filho de uma das famílias mais ricas de Resende. Seis meses após o casamento, João perdeu os pais e herdou muito dinheiro. Com isso, caiu na boemia e esbanjou os bens. Acabou como vendedor ambulante viajando de cidade em cidade, e também explorava um mambembe. Segundo João Oscar, “foi um casamento infeliz, de duração meteórica: findou-se pouco além de completar quatro anos” (1994, p. 28-29). Narcisa voltou para a casa dos pais, humilhada, e João foi embora. O segundo casamento foi em 1880, aos vinte e oito anos, com o português Francisco Cleto da Rocha, o Rocha Padeiro, dono da Padaria das Famílias, no centro de Resende. Os primeiros anos de união foram felizes. Narcisa Amália organizava saraus literários e sessões espíritas em sua casa. Sempre muito admirada pelos homens, D. Pedro II fez questão de visitá-la, quando esteve em Resende. Acontece que a tolerância do rude padeiro foi terminando e o ciúme doentio acabou destruindo o matrimônio.

ⁱⁱ A Editora B. Garnier se prontificou a publicar o livro, patrocinando os gastos de impressão.

ⁱⁱⁱ Na transcrição do poema feita por Paixão (2000, p. 551), está escrito “proibidade”. Considero um equívoco pelo próprio sentido do enunciado. O coração da artista perde a probidade, a integridade, o brio, pela opressão que sofre com os preconceitos sociais de gênero. A mulher não se sente estimulada a escrever e superar aquilo que é esperado dela.

^{iv} Este poema foi publicado em 9 de maio de 1879 n’O Fluminense, Niterói. A referência em Romantismo de Secchin está equivocada, pois afirma ser este poema de Nebulosas (1872). O poema está disponível na Hemeroteca Digital

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=100439_01&pasta=ano%20187&pesq=Perfil%20de%20escrava>.